



» Entrevista | PAULO NIEMEYER MAKHOHL | ARQUITETO E URBANISTA

Bisneto de Oscar Niemeyer analisa o legado do artista, critica os rumos da capital e defende cidades mais voltadas à felicidade

“Brasília se perdeu, mas está se reinventando”

» VANILSON OLIVEIRA

Arquivo pessoal

Bisneto de Oscar Niemeyer — um dos maiores nomes da arquitetura mundial —, Paulo Niemeyer Makhohl carrega o peso e a inspiração de um legado que marcou o século XX e segue influenciando debates sobre urbanismo no século XXI. Arquiteto e urbanista, idealizador do Fórum Mundial Niemeyer, que teve a sua quarta edição na semana passada, ele conversa sobre como a visão singular do avô — que criou um “conceito próprio de entender a cidade” — permanece atual, ao mesmo tempo em que desafia padrões estabelecidos. Nesta entrevista, Paulo comenta as críticas e propostas que Oscar Niemeyer fez para Brasília em seus últimos anos, como a transformação do Eixo Monumental em uma grande praça para pedestres e a criação da Praça do Povo, diferenciando-a da Praça dos Três Poderes. Ele também revela suas expectativas para a “Carta Niemeyer”, documento que será encaminhado à ONU-Habitat como contribuição brasileira ao debate global sobre o futuro das cidades. A seguir, trechos da entrevista:

De que forma o legado de Oscar Niemeyer influencia a sua própria visão de urbanismo e arquitetura no século XXI?

Oscar criou um conceito próprio de entender a cidade, compreendendo o modernismo e outros movimentos. Brasília é o maior experimento de arte, arquitetura e urbanismo integrado. Ele era um experimentalista e estudioso da sociedade, da arquitetura e do urbanismo, implantando em seu trabalho os pontos que acreditava que fariam a diferença para uma sociedade melhor.

Mesmo em seus últimos anos, Oscar Niemeyer tentou trazer novas ideias para Brasília e criticou aspectos do plano original. Quais eram essas ideias ou críticas?

Ele criticava Brasília por ser tão modernista, pois gostava do lado boêmio do Rio de Janeiro e de Paris, com seus boulevares. Ele queria mudar e melhorar o Plano Piloto, e um de seus projetos era a mobilidade urbana. Ele queria rever a ideia de ter carros transitando no



Eixo Monumental, propondo que fosse uma grande praça para pedestres, com estacionamentos semienterrados para que o carro não competisse com os monumentos de Brasília. Também queria fazer a Praça do Povo, uma grande praça suspensa que conectaria o Museu de Brasília com a área perto do Teatro Nacional, com as ruas passando por baixo, diferente da Praça dos Três Poderes, que ele via mais como um espaço cívico para contemplação e não para

aglomeração e discussão social.

Como você avalia Brasília hoje, especialmente com o aumento do trânsito e superlotação?

Isso faz parte da modernidade e do crescimento de qualquer cidade. Se está certo ou errado, depende. Se você gosta de carro e de dirigir, está certo. Se prefere chegar rápido (conceito de cidade de 15 minutos), então o que temos está errado. Se você entende que a cidade tem que ser mais humana

e para pedestres, então também está errado. Eu acho que Brasília se perdeu, mas dentro disso está se reinventando. Não dá mais para construir da mesma forma. É fundamental o vazio da arquitetura, que é tão importante quanto a própria arquitetura. A ocupação não é uma questão de uso; você pode dar um uso de praça que não é uma ocupação construída. Não se pode acabar com os vazios da cidade, pois a construção excessiva adjacente a monumentos



Brasília tinha que ser protegida por nós mesmos, porque é um legado. A solução não é botar grade ou policiamento, mas tentar conscientizar a população, pois só inconscientes fazem isso”

interfere na monumentalidade deles, como aconteceria se construíssem arranha-céus ao lado da Catedral de Brasília.

Como você vê a mudança visual em Brasília, com espaços públicos cercados e protegidos devido à polarização e protestos? Como acha que seu avô veria isso?

A cidade está feia. O turista não consegue ver a cidade, não tem acesso porque está bloqueada. Não falaria só do Oscar, mas do mundo. Brasília é considerada no exterior a Meca da arquitetura moderna mundial. Não preservar isso, não receber o turista, é uma estupidez, um atentado, um contrassenso de tudo que aprendi. Oscar ficaria triste. Brasília tinha que ser protegida por nós mesmos, porque é um legado. A solução não é botar grade ou policiamento, mas tentar conscientizar a população, pois só inconscientes fazem isso.

O tema central do IV Fórum Niemeyer foi a construção da felicidade coletiva. Como esse conceito se traduz no planejamento urbano e arquitetônico?

A felicidade coletiva, na verdade, não é uma condição, é um fim. Vários movimentos da felicidade coletiva, inspirados em índices como o Índice de Desenvolvimento

Humano (IDH) e a experiência de países como a Finlândia, estão surgindo. Se ninguém é feliz em uma cidade, algo está errado. Realmente, viver tem que ser com felicidade.

Como o IV Fórum Niemeyer pode dialogar com pautas internacionais como a COP30 e a Agenda Climática Global?

Trouxemos especialistas ligados à sustentabilidade e várias questões que têm toda a relação com a COP30. Discutimos questões de sustentabilidade e a importância das praças, como o exemplo de Boa Vista, onde a prefeita implantou praças em quase todos os bairros.

De que forma a arquitetura e o urbanismo podem responder à emergência climática?

De 200 milhões de formas. Pode ser da forma quântica (discutida no fórum), da forma do urbanismo. O vazio é fundamental: se você tem o vazio, o Sol penetra, há espaço, há grandes ruas.

A “Carta Niemeyer” será encaminhada à ONU Habitat. Qual a expectativa em relação ao impacto concreto desse documento?

A expectativa é mostrar que há um grupo no Brasil interessado em discutir e contribuir com a ONU. Principalmente porque a sede da ONU é uma obra de Oscar Niemeyer, que ganhou o concurso para projetá-la contra outros grandes arquitetos, incluindo Le Corbusier (Charles-Édouard Jeanneret-Gris). A ONU e os sistemas globais estão ameaçados de existência porque não são respeitados como deveriam. A carta visa apoiar a paz e a convivência entre os povos.

Como bisneto de Oscar Niemeyer e também arquiteto, que avaliação você acha que seu avô faria de Brasília hoje?

Eu acho que ele ficaria triste. Ele já dizia, em vida, que Brasília foi construída para ter 500 mil habitantes, e já temos mais de 2 milhões. Ele dizia que a cidade não podia crescer porque o crescimento obriga a ter moradia e serviços, e a cidade vai começando a desvirtuar. Não pode avançar muito além disso por uma questão de espaço urbano.

VIOLÊNCIA

Triplo homicídio choca Ilhéus

» WAL LIMA

O assassinato de duas professoras e de uma jovem universitária mobiliza a cidade de Ilhéus, no sul da Bahia, e gera comoção em todo o estado. Os corpos de Alexandra Oliveira Suzart, 45 anos; Maria Helena do Nascimento Bastos, 41; e da filha dela, Mariana Bastos da Silva, 20, foram encontrados no sábado, em um matagal na Praia do Sul, área turística da cidade. Elas estavam desaparecidas desde a tarde de sexta-feira, quando saíram de casa para passear com um cachorro na Praia dos Milionários. O animal foi localizado vivo, amarrado a um coqueiro, próximo às vítimas.

Segundo a Polícia Civil, os corpos apresentavam marcas de ferimentos por arma branca. As famílias haviam registrado boletim de ocorrência ainda na sexta-feira,

e diligências já estavam em curso quando o triplo homicídio foi confirmado. Imagens de câmeras de segurança de estabelecimentos da orla registraram as mulheres caminhando pela areia, acompanhadas do cachorro, momentos antes de desaparecerem. O material está sendo analisado para tentar identificar suspeitos.

O caso é investigado pelo Núcleo de Homicídios de Ilhéus. Peritos do Departamento de Polícia Técnica coletaram material genético na cena do crime para exames laboratoriais. Até o momento, a polícia não confirmou se houve roubo ou outro tipo de violência além das facadas. “Estamos realizando oitivas e diligências investigativas para identificar a autoria e motivação do triplo homicídio”, informou a corporação, em nota oficial.

O crime ocorreu em um intervalo de poucas horas, entre o

Reprodução/Redes Sociais



Reprodução/Redes Sociais



Reprodução/Redes Sociais



Alexandra, Maria Helena e Mariana estavam passeando com um cachorro, na praia, onde foram misteriosamente assassinadas

desaparecimento na sexta-feira e a descoberta dos corpos no sábado. O local onde as vítimas foram encontradas, a Praia do Sul, fica a cerca de dois quilômetros da Praia dos Milionários, ponto de saída da caminhada.

As três mulheres foram vistas pela última vez em imagens de câmeras de segurança, circulando pela faixa de areia, próximas a barracas e à beira do mar. Pouco depois, desapareceram do campo de visão. O cachorro, que permaneceu vivo, pode ajudar a polícia a reconstituir

os últimos passos do trio.

Nenhum suspeito foi preso. A Polícia Civil reforçou que não há, por enquanto, qualquer pessoa formalmente identificada como responsável pelas mortes.

Cidade em luto

As mortes abalaram a comunidade escolar de Ilhéus. As duas professoras trabalhavam na rede municipal e eram vizinhas. A prefeitura

do município bahiano decretou luto oficial de três dias em memória das servidoras e da jovem. “O decreto reconhece os relevantes serviços prestados por Alexandra Suzart e Maria Helena Bastos ao município, destacando o compromisso e a dedicação que ambas demonstraram ao longo dos anos em prol da população ilheense”, cita a gestão municipal, em comunicado.

Durante o período de luto, as bandeiras do município, do estado e do Brasil serão hasteadas a

meio-mastro em todas as repartições públicas da cidade.

Em nota publicada nas redes sociais, a Associação dos Professores Profissionais de Ilhéus (APPI-APLB) lamentou a tragédia e cobrou agilidade na apuração: “Este ato de violência nos choca e entristece profundamente, atingindo não apenas as famílias envolvidas, mas toda a comunidade escolar. Estaremos presentes cobrando das autoridades competentes celeridade na investigação e resolução do caso”.